

Leituras Crí ti cas

SOUSA, R. (2023). *DO LIBERTINO*.
TINTA-DA-CHINA. LISBOA: 333 PP.
ERNESTO RODRIGUES

CANIJO, J. (2023). *VIVER MAL E MAL VIVER:*
VARIAÇÕES E AMPLIFICAÇÕES DO ESPELHAMENTO.
RAFAEL PANSICA

OLSTEIN, D. (2019). *PENSAR LA HISTORIA GLOBALMENTE*.
FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. MÉXICO: 359 PP.
MILENE ALVES

Sousa, R. (2023). *Do libertino*.
Tinta-da-China. Lisboa: 333 pp.

ERNESTO RODRIGUES¹



Rui Sousa faz parte de uma geração de investigadores que exige um posto no universo das letras, onde muitos lugares estão ocupados por pálidos planetas, e não por estrelas, que nem as teses e dissertações trazem à luz do dia. Da tese de doutoramento sai este volume, doravante uma referência, que vem aprofundar um assunto sobre que escrevi no terceiro ano da Faculdade (1978), na cadeira de Literatura Francesa III, ministrada por Fernando Guerreiro — e ambos comparecemos nestas páginas, a propósito do Divino Marquês: o ensaio sobre *Os cento e vinte dias de Sodoma* saiu em 1982, reeditado num excelente número da revista *Ideia* (2016) e reproduzido em *Literatura europeia e das Américas* (2020), onde, aliás,

¹ CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1624-6622>.

incluo artigo sobre «Três diabos no paraíso», um dos quais aqui convocado: Henry Miller. Significa que leituras comparatistas não de trazer Anaïs Nin e outros ao nosso convívio, bem como entrelaçar-se com exemplos inesperados, da pintura ao teatro e ao cinema. Devorei, num só dia, *Halfway House*, «a casa no meio do caminho» traduzida como *O mistério dos fósforos queimados*, de Ellery Queen: clássico de 1936, admirado por Jorge Luis Borges, a vítima — um bígamo com dupla vida e condição — é considerada um «libertino». A Netflix regalou-nos com seis episódios de *Anatomia de um escândalo* (2022), em que o primeiro-ministro e outro ministro do governo britânico se esteiam na *omertà* de antigos membros do grupo Libertinos, numa Oxford dissoluta. Há, pois, uma linhagem histórico-cultural, uma tipologia que simplificarei em intelectual e de costumes (libertinos «du monde», quando não debochados), ou erudita, filosófica, político-reformista. Nem todos os artistas, porém, em si conjugam estas variedades. A designação é pouco significativa no domínio da Estética, embora o *Vocabulaire d'Esthétique* (1999) de Étienne Souriau contemple o soneto libertino, também dito «irregular», já em 1936, por Agostinho de Campos...

A teorização à volta dessas espécies, ou modalidades de ser, está disseminada em *Do libertino*, que, na tese, se intitulava *Do libertino: Revisões de um conceito através do caso de Luiz Pacheco* (2019). É instrutivo comparar as duas versões. Desde os agradecimentos, há altera-

ções de monta, e logo no índice, se se trata de uma compactação. Rui Sousa trabalhava com subcapítulos, antecédidos de uma síntese global, que se arriscava, entrados nos casos em estudo, ao efeito de repetição. Isso é agora evitado, bem como os insistentes balanços em pontos 1, 2, 3, até 8, ainda persistindo nas pp. 41-42, 48-50, 184-185 ou 197. Pedagógica e visualmente, o jogo com os entretítulos resultava bem, mas uma edição comercial requer outras diligências.

Este trabalho de campo diluiu, quando não suspende, aproximações válidas, em particular, a bibliografia comentada sobre o uso do conceito e de autores de matriz essencialmente francesa, e menos o sujeito *computante* de Edgar Morin, que desaparece da bibliografia final, como saem e entram outros. Há uma redução drástica de rodapés, alguns dos quais sobem ao corpo do texto. A redação melhorou, e mata-se alguma gralha divertida (*Le Deuxième Siècle*, em vez de *Sexe*).

Na cronologia familiar, um Montaigne *ondoyant et divers* é a bússola, embora eu gostasse de ver Rabelais destacado. Deixo para o final uma reserva feita desafio. Sucede-lhes um século xvii francês esplendoroso, marcado por uma reivindicada independência (a desembocar em incredulidade, em impiedade) assente no livre-arbítrio, segundo as leis da Natureza. É este o sentido de Diderot, aqui só citado no verbete «Libertinage» da *Encyclopédie*, quando abre *Le neveu de Rameau*

(1761): «J'abandonne mon esprit à tout son libertinage. Je le laisse maître de suivre la première idée sage ou folle que se présente [...]». Os nomes citados na p. 39 pouco dizem aos não-francófilos, acrescentando Molière, e, já em Setecentos, o mesmo Diderot, Laclos, com *Les liaisons dangereuses* (1782), e Sade, cujos *Les 120 jours de Sodome* acrescentam no título *ou l'école du libertinage* (começado em 1761). Título afim, para estudar, é o seu *Oxtiern ou les malheurs du libertinage* (1799). Portugueses até ao século xx são rastreados, também na bibliografia passiva; anglo-saxónicos e italianos ficam para outros combates.

O «procedimento» de Rui Sousa inspira-se na categoria de «barroco» segundo Eugenio d'Ors, enquanto constante histórica. Assim, descendo à etimologia, o desejo de liberdade fecunda o sonho dos *liberti* romanos, escravos entretanto alforriados ainda numa relação com o *dominus*, a distinguir dos *libertini*, com um estatuto público. A discussão dos termos começa na p. 21, onde, para melhor entendimento, explicitaríamos o que só é alusão na p. 34, ou seja, a conveniência em citar o *Atos dos Apóstolos*, 6, 9, segundo a Vulgata: «*Surrexerunt autem quidam de Synagoga, quae appellatur Libertinorum [...]*». A tradução da Difusora Bíblica é deficiente, senão politicamente correcta: «Ora, alguns membros da sinagoga chamada dos Libertos [...]». O genitivo pediria «dos Libertinos».

A amplitude de géneros e modos como cada sujeito radicalmente se lê e se constrói tem

uma solução feliz no «ironista liberal» (p. 79) de Richard Rorty, que cito da tese:

[...] o sujeito encontra-se permanentemente em estado de interpretação crítica dos dados a que vai tendo acesso, ao mesmo tempo que procura construir para si, na ambição de se projetar distintamente no futuro, uma nova forma de falar de si e do mundo, um verdadeiro mito pessoal que o autor designa como vocabulário corporizado. (p. 130)

São fautores deste desígnio Ovídio (citado, entre outros Antigos), Juvenal e Marcial, esquecidos, mas a nossa cronologia vem só a partir de Quinhentos.

A licença genológica pode casar com licenciosidade, irreligião, etc. Não precisávamos de chegar à pós-modernidade para observar o reino do fragmento, da subversão de géneros, do corpo feito letra, narcisicamente espelhando-nos na moldura da página, à maneira de Montaigne — o qual, ao contrário de Rabelais, ainda se quis algo contido. Da leitura de Laclos, Rui Sousa extrai úteis conclusões de Marc André Bernier (2001), que eu resumiria assim: exibição, inclusive das limitações próprias; filho do contingente e do imprevisto, como quaisquer outros menos informados; convencimento de uma superioridade intelectual, com que melhor se relacionar e manipular outrem, antecipando efeitos; dissimulação «assente num simulacro de respeito pelas convenções que, no espaço privado, procura subverter» (p. 87).

Nesta ordem de ideias, a modalidade ensaística ou dissertativa é privilegiada, ainda que se disfarce de romance epistolar, de poema filosófico à Bocage, de diário à Luiz Pacheco, cuja «totalidade híbrida», ou Livro-Pacheco, na sua dispersão e «possibilidade unificadora» em Texto, como bem disse Sofia Santos, lembra as vagabundagens mentais de Pessoa, capítulo a desenvolver na perspectiva libertina. Cito:

A vagabundagem, um dos traços fundamentais do temperamento libertino no que respeita tanto ao exercício da inquietante atividade lúdica do pensamento como à predileção por uma existência móvel e incerta, constitui a mais proeminente manifestação de recusa ao acomodamento, dando lugar a um encontro privilegiado com o contingente e o imprevisível. O sujeito, em pleno estado de potência, acentua a sua disponibilidade para a “multiplicidade de estados relativos do ser”. (p. 187)

Entra-se, então, na segunda parte, com a «libertação surrealista face à *doxa*», dividida entre tutores franceses e já surreal-abjecionistas portugueses, a que a terceira parte acrescenta Cesariny e o antimarialvismo de José Cardoso Pires, para enquadrar o neoabjecionista Pacheco.

Em tempos de rebaixamento, o objecto já se *elevava* nas encenações ou protagonismos sadianos. Dos antigos regimes ao salazarismo, fraturaram-se identidades, sistemas, fronteiras. O sujeito absorveu o instável, exprimindo-se em dúvida de António Maria Lisboa retomada na pergunta de Pedro Oom: «que pode

fazer um homem desesperado quando o ar é um vômito e nós seres abjectos» (p. 174)? Esta negatividade é um mecanismo de defesa, obrigando à «denúncia e problematização das mitologias alheias» (p. 178). Explicita Rui Sousa: «É o conjunto desses obstáculos e lacunas que determina uma exaustão moral da qual brota a consciência aguda do miserabilismo e, com ele, de si enquanto ser abjeto. É dessa plena identificação com a própria contingência que emerge a estreita simbiose entre a figura do libertino e a poética da abjeção: “Mas, alto lá! sou um tipo livre, intensamente livre, livre até ser libertino (que é uma forma real e corporal de liberdade), livre até à abjeção, que é o resultado de querer ser livre em português”» (pp. 217-218).

O neoabjecionismo *exemplar* de Luiz Pacheco institui «um território criador pessoal, que explora vários modelos, de que se apropria, e com os quais dialoga ativamente» (p. 12). Esse espaço-identidade é precário, reconhecidamente contingente, mas bastante para uma «contínua automitificação dos seus traços fundamentais» (p. 298), em clave de uma sinceridade a toda a prova, mau grado consequências nefastas.

Este título ablativo é também *exemplar*, já como pesquisa, e discurso ligado a um pensamento, cada vez mais raros na Universidade. Feito o elogio da obra, não esquecerei uma reserva, que é desafio.

A pp. 128-129, vejo Pascal entre os precursores do Surrealismo, sob a máxima bretoniana de «Ni Dieu, ni Maître». Pascal recusando Deus?! Entre os estoicos, celebro Epitecto, um escravo vendido, depois liberto, enfim filósofo libertino, justamente orgulhoso, aspeto que desagradava a Pascal (que não tomava em conta a biografia do Frígio), mas nele admirava a consciência do dever e a ideia de que o repouso não está nas coisas exteriores, que são *indifferentes*. Pascal reúne Epitecto a Mon-

taigne, que descreve a nossa condição miserável, mas vê-se acusado de levar à impiedade e ao vício. A imagem do libertino estilhaça-se em Pascal, quando deseja «conduire le libertin vers la foi» (Le Guérin e Le Guérin, 1972: 33), isto é, para a Graça divina, única salvação. Os contralibertinos são também úteis à definição do libertino.

Bibliografia

Le Guérin, M. e Le Guérin, M.-R. (1972). *Les pensées de Pascal. De l'anthropologie à la théologie*. Librairie Larousse. Paris.